

PT ataca equipe econômica e governo reage

Proposta de demissão dos responsáveis pela área é classificada de "bobagem" pelo chefe da Casa Civil

Os desdobramentos da crise financeira internacional levaram o comando da campanha presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a defender a demissão da equipe econômica do governo. O Planalto, por intermédio do ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, classificou a idéia como uma "bobagem". Os estrategistas do comitê da reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) não querem transformar a turbulência nas bolsas de valores num tema de campanha, como desejam os petistas.

O argumento dos coordenadores da campanha de Lula é que o Brasil está prestes a ser "a bola da vez" no cenário de turbulência internacional porque ficou sem rumo. No diretório petista, em São Paulo, economistas e dirigentes que integram a coligação formada pelo PT, PDT, PSB, PCB e PC do B traçaram um diagnóstico sombrio do que pode ocorrer.

Na tentativa de reverter a queda de seu candidato nas pesquisas de intenção de voto, o comando petista aposta que agora a "teoria do caos" – usada pelo Planalto e seus aliados para carimbar a eventual vitória de Lula – poderá ser aplicada de forma inversa. "Do jeito que as coisas vão indo, estamos prevendo o pior e somente quem tem controle para evitar isso é o próprio governo", afirmou Lula. "A equipe econômica fracassou e é o momento de ser substituída", emendou o economista Guido Mantega, um dos formuladores do programa de governo do petista.

Diante da Bandeira Nacional, que substituiu a do PT no fundo do auditório, Lula disse que Fernando Henrique e sua equipe estão "brincando com o sentimento da Nação". Ele ressaltou que a oposição tem alertado o governo sobre o perigo do atual modelo econômico. "Não é possível sustentar por muito tempo uma política que tem como pressuposto juros altos para captação de recursos no exterior, dando como oferenda o nosso capital puro, que eram as estatais."

No mesmo tom, o ex-governador Leonel Brizola (PDT), candidato a vice na chapa, chamou Fernando Henrique de "impatriótico" porque, na sua avaliação, está escondendo que o País corre o risco de sofrer um ataque especulativo. "Não estamos preconizando que o presidente deixe agora o governo, mas poderia substituir sua equipe", afirmou. "Pelo menos esse bem ele poderia fazer ao povo brasileiro porque ficou provado que essa estabilidade é aparente e frágil."

Para a deputada e economista Maria da Conceição Tavares (PT-RJ), o governo está "premiando" os especuladores em vez de tomar "medidas punitivas" contra eles. "Estou profundamente indignada", desabafou. "O presidente quer que o mercado financeiro agüente até a eleição, mas depois será obrigado a mandar tudo para o espaço." Na avaliação dos economistas que têm colaborado com a plataforma de Lula, o pacote anunciado pelo governo para conter a fuga de dólares é apenas paliativo.

Importações – Entre as medidas que a coligação União do Povo-Muda Brasil propõe para enfrentar o quadro de dificuldades estão a diminuição das "importações predatórias"; o aumento das exportações, com novas regras para eliminar barreiras de entrada dos produtos brasileiros no exterior; o fortalecimento da produção nacional, aliada a uma política industrial e agrícola, além da reforma tributária.

"Mas não há como esperar que a crise internacional amaine antes de 12 a 18 meses", previu o economista Luciano Coutinho, da Universidade de Campinas (Unicamp). "No início do próximo ano, haverá a continuidade do quadro de dificuldades no Japão e a economia americana estará enfraquecida, criando um cenário endêmico de reces-



FHC: objetivo de assessores é evitar que crise vire assunto de campanha



Lula com Conceição Tavares: insistência na tese de que Brasil pode ser a "bola da vez"

são global."

Lula admitiu que a frente de esquerdas não tem prontas todas as medidas para enfrentar a crise. "No Brasil se costuma cobrar da oposição a solução para todos os problemas, mas a oposição não tem acesso a nenhum mecanismo para tomar essas medidas", contou. Ele fez questão de ressaltar que está "muito preocupado" com a queda das bolsas nos países emergentes.

"Nenhum de nós deseja a crise porque quem vai pagar a conta é o povo pobre", disse o candidato do PT. No seu entender, Fernando Henrique deveria "assumir sua responsabilidade e ter uma conversa franca com a população, para mos-

trar o caminho espinhoso do País, em vez de ficar vendendo facilidades". O presidente do PT, José Dirceu, assegurou que a oposição "não tem medo de correr riscos eleitorais" e vai apresentar a "situação gravíssima" à sociedade no horário político de rádio e TV.

Em Brasília, o ministro-chefe da Casa Civil não quis comentar a proposta dos coordenadores da campanha de Lula, que sugeriram a demissão da equipe econômica. "Brincadeirai-

nha não vale a pena a gente comentar", argumentou Clóvis Ramalho. "Não só nós não damos importância a essas bobagens, como o povo também não dá". O coordenador político da cam-

panha de reeleição de Fernando Henrique, Euclides Scalco, também preferiu ironizar a frente de esquerdas. "É estranha essa declaração, porque há poucas semanas o governador petista Cristovam Buarque (DF) sugeriu que a equipe econômica permanecesse nos primeiros cem dias de um eventual governo Lula", provocou.

Depois de reunir-se com economistas em São Paulo, Lula viajou para Brasília, onde participou de uma manifestação em apoio à sua candidatura, organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), com a adesão de outras entidades ligadas à CUT. "Essa manifestação é voluntária, as entidades não pagaram para que seus dirigentes viessem", afirmou o presidente da CNTI, José Calixto Ramos, numa referência ao encontro de sindicalistas com Fernando Henrique, na semana passada.

Quando estava reunido com representantes do movimento sindical, o candidato do PT enfatizou que não pediu a renúncia coletiva da equipe econômica. "Não cabe a mim ficar pedindo a renúncia de ninguém, mas acho que essas pessoas estão causando um dano muito sério ao nosso País com essa política econômica desastrosa", disse.

Lula também se recusou a responder aos ataques feitos pelo presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), que qualificou o programa do PT como "retrogrado" e voltou a vincular sua candidatura a um futuro caos econômico durante o horário eleitoral gratuito ontem. "Eu não posso ficar respondendo ao ACM", desdenhou Lula.

Cautela – Convencidos de que seria arriscado incluir explicações e comentários de Fernando Henrique sobre crise no programa eleitoral, assessores da campanha da reeleição vão resistir enquanto puderem à associação da imagem do candidato com a turbulência nas bolsas. Eles acreditam que o assunto só daria munição à candidatura adversária.

"O presidente não vai misturar campanha com atitudes de governo", frisou Scalco. Ele insistiu que "não haverá um novo Plano Cruzado" e, conforme palavras do próprio presidente, o Brasil não está sujeito ao tipo de agressão sofrido pela Rússia ou pela Venezuela "no momento".

A equipe ressalva que campanha se faz no dia-a-dia e não dá para planejar uma estratégia pa-

ra mais de duas semanas. Por isso, não elimina totalmente a possibilidade de que haja mudanças repentinas na condução do programa, exigidas por turbulências na economia. A avaliação, porém, é que, mesmo na pior hipótese, Fernando Henrique – que participou ontem das comemorações do Dia do Soldado, no Quartel-General do Exército – ainda sairá lucrando, porque continua ancorado na credibilidade do plano econômico.

O presidente irá ao comitê eleitoral dia 3, às 10 horas, para lançar seu programa de governo. A coordenação da campanha sustenta que não houve alteração no programa por causa da crise internacional. "As metas do programa de Fernando Henrique estão levando em consideração um cenário mundial", afirmou o coordenador-geral da campanha, Eduardo Jorge Caldas.

■ Mais sobre a crise das bolsas no caderno de Economia



ACM CRITICA
PETISTA NO
PROGRAMA
DE TELEVISÃO